

AS TATUAGENS DE LINN DA QUEBRADA: UMA ANÁLISE SEMIOLÓGICA

LINN DA QUEBRADA'S TATTOOS: A SEMIOLOGICAL ANALYSIS

Ivity Cardoso Neves¹

Universidade do Estado de Minas Gerais

Michelle Aparecida Pereira Lopes²

Universidade do Estado de Minas Gerais

Resumo: Linn da Quebrada é uma cantora, compositora, atriz e ativista social brasileira que ganhou mais notoriedade ao participar da edição do reality show Big Brother Brasil em 2022. Linn é uma mulher trans cujo corpo se constitui como um local de inscrição discursiva, visto que apresenta diferentes tatuagens, localizadas em diferentes locais, como braços, pescoço e rosto. O conjunto de suas tatuagens, bem como cada uma delas em particular, constitui discursos e produzem sentidos; ao mesmo tempo, as tatuagens que marcam o corpo de Linn também são constituídas a partir de discursos circulantes histórica e socialmente, inclusive aqueles que legitimam as diversas violências vividas pelos corpos dos sujeitos trans. Neste texto, três das tatuagens de Linn da Quebrada, observadas em imagens da cantora encontradas nas mídias digitais, compõem nosso corpus de análise amparada nos Estudos do Discurso, com as contribuições de Foucault (2008) e, mais pontualmente, na perspectiva da Semiologia Histórica, conforme Courtine (2013). O objetivo geral é observar os sentidos produzidos pelos desenhos das tatuagens de Linn elucidando suas (re)significações na/para sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Discurso; Intericonicidade; Tatuagens; Travesti.

Abstract: Linn da Quebrada is a Brazilian singer, songwriter, actress and social activist who gained more notoriety when she participated in the edition of the reality show Big Brother Brasil in 2022. Linn is a trans woman whose body constitutes a site of discursive inscription, as she presents different tattoos, located in different places, such as arms, neck and face. The set of his tattoos, as well as each one in particular, constitutes discourses and produces meanings; at the same time, the tattoos that mark Linn's body are also constituted from historically and socially circulating discourses, including those that legitimize the various violence experienced by the bodies of trans subjects. In this text, three of Linn da Quebrada's tattoos, observed in images of the singer found in digital media, make up our corpus of analysis supported by Discourse Studies, with the contributions of Foucault (2008) and, more specifically, from the perspective of Historical Semiology, according to Courtine (2013). The general objective is to observe the meanings produced by Linn's tattoo designs, elucidating their (re)meanings in/for contemporary society.

¹Graduado em Letras - Português pela Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: ivity.neves@outlook.com.

²Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, Professora do Departamento de Letras e Linguística da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: michellelopes5@gmail.com.

Keywords: Discourse; Intericonicity; Tattoos; Transvestite.

Submetido em 9 de maio de 2024.

Aprovado em 27 de maio de 2024.

Introdução

Um dos modos de modificação do corpo mais conhecido e usado no mundo todo é a tatuagem, uma marca permanente feita diretamente na pele: agulhas fazem a aplicação subcutânea de pigmentos que resultam em traços, dizeres e/ou desenho(s). A motivação para o uso de tatuagens é diversa, por exemplo, a vontade de expressar uma filosofia de vida na própria pele.

Neste texto, partimos da hipótese de que, ao marcar a pele do corpo, a tatuagem reforça a concepção do corpo como local de inscrição discursiva: o corpo do sujeito por si só recebe e (re)produz discursos e sentidos; o corpo tatuado ratifica isso mais contundentemente, porque os desenhos inscritos nele rememoram e retomam sentidos de agora e de outrora. “assim como os enunciados verbais trazem consigo referências de discursos outros, reconhecidos pela sociedade, também as imagens, quando passam a circular veementemente em todos os campos, ganham um papel social poderoso” (LOPES, 2018, p. 43).

Ao considerarmos a potência de sentidos de uma tatuagem, não podemos perder de vista o corpo no qual ela se inscreve. Nesse sentido, pode haver alguma distinção nos sentidos postos em circulação pelas tatuagens, conforme o corpo na qual a tatuagem se inscreve? Por exemplo, corpos heteronormativos podem direcionar sentidos mais positivos, enquanto corpos trans podem fazer o oposto? Quando um corpo trans traz uma tatuagem, quanto desse corpo pode impactar o sentido produzido pela tatuagem?

Mediante esse cenário, este texto analisa discursivamente três tatuagens inscritas no corpo de Linn da Quebrada, cantora, compositora, atriz e ativista social brasileira que ganhou mais notoriedade ao participar da edição do reality show *Big Brother Brasil* em 2022. Linn é uma mulher trans, logo podemos vislumbrar que a produção de sentidos advinda de suas tatuagens sofre o impacto de um corpo que a sociedade muitas vezes não reconhece, não legitima, por isso violenta.

Assim, ao discutirmos os sentidos produzidos pelas tatuagens de Linn da Quebrada, sujeito representante da minoria LGBTQIA+, nosso texto joga luz às lutas

desse grupo, evidenciando também suas resistências e como, por meio de seus corpos e das tatuagens inscritas neles, esses sujeitos buscam falar e ressignificar as violências que sofrem e o ódio que enfrentam.

As análises são de cunho qualitativo e se amparam nos Estudos do Discurso, mais pontualmente em uma perspectiva foucaultiana. Além disso, consideramos a Semiologia Histórica, conforme Courtine (2013), cujo conceito de intericonicidade nos permite observar os ícones inscritos em uma memória discursiva social.

Nossas análises demonstram que os sentidos produzidos pelas tatuagens de Linn acabam reverberando ainda em outras materialidades, por exemplo, em letras de suas composições musicais; por isso, compreendemos ser pertinente apresentar também as relações de sentido entre léxico da música e inscrição corporal.

Este texto está organizado em três seções, além desta introdução e da conclusão, apresentamos uma seção que apresenta a historicidade das tatuagens, uma segunda seção de discussão dos conceitos que nos norteiam e uma terceira seção na qual desenvolvemos nossas análises.

1. Tatuagem: um discurso inscrito no corpo e marcado na/pela história

A tatuagem é reconhecida pela sociedade como a marca – linhas e/ou desenhos – inscritos na pele, por meio de pigmentos coloridos ou não, de efeito permanente. A atitude de fazer marcas no corpo está inscrita na história da humanidade e se relaciona a questões culturais, antropológicas e sociais. Por isso, Lima (2022) afirma que a história da tatuagem já foi catalogada por diversas instituições, dentre as quais museus, academias e organizações culturais.

No entanto, não há um consenso na determinação precisa de quando a humanidade realizou o processo de marcar a pele pela primeira vez, mas sabe-se que “foram encontradas provas arqueológicas (múmias tatuadas e referências a tatuagens em obras de arte) em sítios como Egito, Alasca, China, Áustria e Itália, que datam até 10.000 a.C.” (LIMA, 2022, p. 09).

Segundo Marcelino (2007), o geólogo francês Edouard Piette (1827-1906) foi o primeiro a encontrar artefatos com as primeiras evidências de corpos que possuíam tatuagens; esses corpos eram do período paleolítico, há aproximadamente doze mil anos.

A tatuagem é uma forma de expressão humana que data do período paleolítico. É o homem deixando sua marca na pele alheia ou até mesmo na sua própria pele. Representa rituais de passagem, posição hierárquica em sociedades, registros de

acontecimentos de vida do indivíduo ou simplesmente um adorno com função única de enfeitar o corpo. (MARCELINO, 2007, p. 63).

Ainda, conforme o autor, as pesquisas posteriores às do francês mostram que as marcas na pele poderiam ter sido causadas até mesmo por acupuntura, o que pode indicar que tenham sido produzidas em função de algum tratamento de doença. Disso, compreendemos que o ato de marcar o corpo é milenar, relacionando-se a causas diversas. A tatuagem também pode ser considerada em uma perspectiva antropológica, já que ela compõe o conjunto de traços culturais e modos de vida de diferentes povos.

A título de exemplificação, Silva (2007) explica sobre a escarificação, técnica que consiste em cortes incisivos ou queimaduras, feitos na pele formando cicatrizes controladas em formas de desenhos que criam volumes tridimensionais, no mesmo tom da pele e torna o corpo algo que não se assemelha com o natural, mas aproxima-se do corpo tatuado.

A escarificação é adotada em algumas etnias; quando feita no corpo feminino, torna-se um ritual de embelezamento. Jeha (2019) comenta que a escarificação também podia ser usada para a diferenciação de aldeias.

Figura 1. Escarificação africana.



Fonte: ELCORREO, 2019

No Brasil, a marcação da pele é utilizada desde antes da chegada dos portugueses, pela maioria dos nossos povos originários. Marcelino (2007) nos conta que a tatuagem usada pelos povos indígenas era feita com espinhos que perfuravam a pele; depois, em cima das perfurações eram colocadas cinzas de folhas de algumas palmeiras, urucum ou tinta de jenipapo.

Entre os nossos índios, sabe-se que os tupinambás do século XVI tatuavam-se por iniciação, hierarquia, magia, luto e sacrifício. Nas tribos dos gês, tupis, cainguaís, guaraios e cabilas, a tatuagem era parte de um rito de iniciação feminina. Entre as tribos dos auetés e camarraduras, esse tipo de técnica era considerada um instrumento mágico medicinal. Entre os caribas e guanás, era como um elemento de distinção. Os índios guanás e cadieus, por sua vez, consideravam a tatuagem um ornamento sexual. Já para os kadiwéus, a pintura no corpo era feita para diferenciar o homem do animal. Os desenhos indígenas eram quase sempre geométricos, com linhas, tramas ou manchas, no rosto ou no corpo (LISE et al, 2013, p. 298).

A função da tatuagem para os povos originários era diversa, tendo sido usada, inclusive para marcar os inimigos capturados pelos guerreiros. Ainda que com o passar do tempo a motivação da tatuagem tenha se transformado, Marcelino (2007) diz que a pintura corporal continua sendo valorizada em algumas aldeias indígenas, como por exemplo os Carajás [karajás], que tatuam linhas e círculos em suas faces, como mostra a Figura 2, abaixo.

Figura 2. Mulher Carajá e suas tatuagens.



Fonte: POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2014

As tatuagens da mulher carajá acima possuem traços mais grossos e não estão preenchidas. O traçado sem preenchimento é bastante comum dentre as tatuagens contemporâneas. Inclusive, uma das tatuagens que compõe nosso corpus de análise possui as mesmas características.

Jeha (2019) ainda pontua a presença das tatuagens entre os povos africanos que foram escravizados em nosso país. Muitos já chegavam ao Brasil tatuados, pois em

seu continente originário, as tatuagens representavam religiosidade, cultura, ou mesmo a tradição de seu povo.

Por aqui, ao corpo negro e escravizado infligiam-se outras marcações, as quais tinham os sentidos de uma etiqueta que marcava o corpo negro como uma mercadoria; na pele preta, as marcas construía os sentidos da objetificação, ou da animalização do corpo negro, pois é típico marcar animais de um rebanho.

Por tudo isso, ainda hoje, as marcações de um corpo negro ainda podem ser compreendidas a partir dos sentidos disfóricos, pejorativos e racistas de outrora. Corpos negros tatuados não são tão bem vistos, ainda que a mesma tatuagem esteja também em um corpo branco, por exemplo. Não é somente o sentido da tatuagem, mas também o sentido histórica e socialmente construído para o corpo no qual a tatuagem se inscreve. Por isso, analisar as tatuagens inscritas em um corpo trans, como o da Linn, ganha relevância.

Ainda considerando a tatuagem no Brasil, segundo Lise et al (2013), a disseminação da técnica ocorreu no século XIX, com a abertura dos portos e a mistura de marinheiros estrangeiros com a população das cidades litorâneas. Ainda, conforme os mesmos autores, no século XX as tatuagens despertaram o interesse médico-criminalista que buscava enquadrar e diagnosticar o fenômeno.

Os autores Lise et al (2013) pontuam ainda a existência de relatos, ao longo da história, acerca do uso da tatuagem para finalidades práticas de caráter punitivo, por exemplo, as imagens utilizadas por gregos e romanos para indicar o pertencimento a uma classe baixa ou a alguma categoria social menos privilegiada, como escravos, prisioneiros e estrangeiros.

Essa concepção vai ao encontro do que nos afirma Berger (2002), pois esse acredita que a conotação pejorativa dada às tatuagens também tem relação com o uso delas por detentos, sendo que “ao longo do tempo, a tatuagem acabou virando a marca dos marginais, diferentes do resto da sociedade” (BERGER, 2002, p. 66).

Em Paredes (2003), encontramos um quadro que compila os resultados de estudos feitos com detentos tatuados. O quadro mostra as tatuagens mais comuns entre os detentos e os significados delas, conforme reproduzimos abaixo, no Quadro 1.

Quadro 1. Tatuagens de detentos e seus significados

Desenho	Significado
---------	-------------

Data	Indica datas em que companheiros de cela foram mortos
Teia de aranha	Indica que os cúmplices foram mortos
Cruz com duas velas acesas	Indica indivíduo de alta periculosidade
Minúsculo número 12 na mão esquerda, ou uma folha de maconha estilizada	Indica ligação com o tráfico de drogas
Sereia na perna direita	Indica condenação por crimes contra os costumes
Um ponto	Normalmente na mão direita, indica ser “batedor de carteira”
Três pontos em forma de triângulo	Indica envolvimento com tráfico de drogas
Quatro pontos formando um quadrado	Indica ser praticante de furtos
Um ponto em cada extremidade de uma estrela	Indica ser praticante de homicídio
Dois pontos	Indica ser um estuprador
Cinco pontos	Indica ser um praticante de roubo com violência
Vários pontos formando um “X”	Indica ser chefe de quadrilha ou líder de determinada facção criminosa.

Fonte: Paredes (2003), adaptado.

O Quadro 1, ao apresentar os sentidos das tatuagens dos detentos, demonstra que “as tatuagens, nas penitenciárias, não são feitas para enfeitar, mas antes contam histórias, comunicam e mantêm distâncias. Além disso, mostram ‘quem é’ o preso, o crime que praticou e o que se deve sentir por ele, seja medo ou desprezo” (LISE et al, 2013, p. 307).

Os sentidos produzidos pelas tatuagens de detentos advêm dos símbolos que elas apresentam. Esses sentidos não estão limitados ao ambiente do encarceramento. Fora dele, os sentidos também são reconhecidos, de modo que aqueles que utilizam as tatuagens, ainda quando já tenham cumprido a punição pelo crime cometido, sofrem discriminação social. Nesse sentido, é possível compreendermos como as tatuagens, durante muito tempo foram estigmatizadas.

Na contemporaneidade, o sentido pejorativo parece ter sido apagado, à medida que as tatuagens ganharam adeptos de diferentes profissões, níveis sociais e idades. Por isso, Queiroz (2020) afirma que a tatuagem deixou para trás seu passado de símbolo marginal para se tornar um ícone da cultura pop. Assim, considerando-se o uso disseminado das tatuagens na contemporaneidade, “o que se vê é a perda dos limites de grupo, para uma expansão com objetivo sobretudo estético (LISE et al, 2013, p. 302).

Ainda assim, discursivamente, os sentidos produzidos no corpo tatuado e pela tatuagem inscrita nesse corpo não se apagam por completo. Mesmo que as tatuagens hoje possam parecer mais aceitáveis, há situações nas quais elas ainda podem ser

amplamente rejeitadas, por exemplo, quando uma vaga de trabalho exige que sejam usadas blusas de mangas compridas, com o intuito de se esconderem tatuagens dos braços. Isso se dá porque as tatuagens são, de fato, ícones e, por assim serem, convergem para o corpo que as possui uma série de discursos e de sentidos inscritos na memória coletiva, ao longo da história.

2. Tatuagem e memória: discurso, intericonicidade e sentidos num corpo abjeto

Seguindo o ponto de vista de Foucault, o discurso é um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que acabam obedecendo a regras de funcionamento comum. Essas regras não são exclusivamente linguísticas ou formais, mas são capazes de reproduzir divergências entre razão e desrazão (REVEL, 2005, p. 37).

Foucault (2008) considera que o discurso se compõe de enunciados, por isso, para ele, o enunciado é tido como o átomo do discurso, ou seja, como se o discurso pudesse ser decomposto em partes menores, que seriam os enunciados. A título de diferenciação entre enunciado e enunciação, pontuamos que esta é o fenômeno do homem falando em sociedade; já aquele é o produto gerado pela enunciação. Os enunciados podem aparecer nos discursos de forma semelhante ou com algumas diferenças, mas mantendo o traço de sentido, sendo assim, podendo um único discurso carregar inúmeros enunciados, originários de diferentes domínios discursivos.

O enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso. (FOUCAULT, 2008, p.90)

Para se manifestar socialmente, o discurso se realiza a partir de uma materialidade responsável pela produção de sentido e pelo silenciamento de outro(s), por isso o sentido pode se reproduzir tanto no dito quanto no não-dito. Conforme disse Foucault (2008), o já dito é não apenas uma frase já falada ou um texto já escrito, mas sim o sentido encontrado ou recuperado. À vista disso, podemos recuperar sentidos produzidos pelo discurso, por exemplo, em uma letra de música, em movimentos de uma dança, em cores e símbolos de uma imagem e até em traços e desenhos de tatuagens.

Desse modo, uma tatuagem é um enunciado, produz sentido porque é discurso. Já o não-dito é o que está dito não na materialidade usada pelo enunciado para se manifestar, mas no contexto ao qual o discurso se efetiva.

Assim, ao analisarmos uma imagem, a partir da perspectiva discursiva, devemos considerar o fato de que a imagem não obedece a uma ordem, nem a um modelo linguístico. Logo, “antes que a um modelo da língua, era a um modelo do discurso que urgia referir a imagem. Mas ao discurso no sentido de Foucault, isto é, em um sentido onde o discurso tanto pode ser um fragmento de imagem quanto uma centelha de linguagem”.(COURTINE, 2013, p. 42).

Somente é possível considerar que a imagem seja um enunciado, ou um átomo de discurso, porque para Foucault (2008), enunciados não são exclusivamente linguísticos. Assim, é possível que um enunciado seja manifestado por diferentes materialidades, dentre as quais, uma imagem. O fato de uma imagem ser enunciado de discurso, promove ainda uma outra consequência, também considerada por Courtine (2013): a possibilidade de inserir-se [a imagem] em uma memória discursiva. Quanto a isso, explicamos:

a ideia de memória discursiva implica que não existem discursos que não sejam interpretáveis sem referência a uma tal memória, que existe um “sempre já” do discurso, segundo a fórmula que nós empregamos então para designar o interdiscurso. Eu diria a mesma coisa da imagem: toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco (COURTINE, 2013, p. 43).

Para perceber o “sempre já” de uma imagem, Courtine propõe o conceito teórico-metodológico da intericonicidade, por meio do qual o analista seria capaz de perceber em uma imagem os ícones de sentido, ou seja, a conexão com outras, a “[...] memória das imagens externas, percebidas”, ou mesmo “a memória das imagens internas, sugeridas, ‘despertadas’ pela percepção exterior de uma imagem”. (COURTINE, 2013, p. 43).

Desse modo, lançamos mão do conceito de intericonicidade para, teórica e metodologicamente, observarmos o viés discursivo das tatuagens de Linn da Quebrada, sem nos esquecermos de que a noção de intericonicidade não é simples, mas complexa, porque “supõe colocar em relação imagens externas, mas igualmente imagens internas, imagens da lembrança, imagens da memorização, imagens das impressões visuais estocadas pelo indivíduo” (COURTINE. 2013. p, 43).

Desse modo, podemos pensar que há imagens que acabam por se consolidar na memória coletiva, tornando-se ícones de um determinado momento histórico. Essa característica icônica confere-lhes um lugar privilegiado: a capacidade de ser trazido à tona em outros momentos, tendo seu(s) sentido(s) atualizado(s). É nesse sentido que se torna fundamental observar a recorrência de um ícone (LOPES, 2018, p. 44).

Nessa perspectiva, Courtine (2013) nos ensina, à esteira de Foucault, que se faz necessário atentarmos-nos para a repetição das imagens como um elemento singular para a produção dos sentidos. Assim, como afirmado em outros momentos deste texto, uma tatuagem repete imagens muitas vezes já cristalizadas tanto no campo da dizibilidade, quanto no campo da visibilidade. Isso quer dizer que acerca das tatuagens e de seus símbolos a sociedade cristalizou dizeres – quem tem tatuagem é bandido, por exemplo; por conseguinte, esses dizeres norteiam a visibilidade dada às tatuagens, direcionando o olhar de quem as vê no corpo do outro, “pela detecção no material significante da imagem, pelos indícios, pelos rastros que outras imagens ali depositaram, e pela reconstrução, a partir desses rastros, da genealogia das imagens de nossa cultura.” (COURTINE, 2013, p. 44).

Ao considerarmos as tatuagens inscritas no corpo de Linn da Quebrada, além dos desenhos e dos contornos, não podemos nos esquecer do corpo no qual essas tatuagens se inscrevem: o corpo de uma mulher trans. Estudos sobre segurança e bem-estar dessa comunidade apontam o Brasil como o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. Por treze vezes, o Brasil foi eleito o lugar em que a violência atinge a população LGBTQIAP+ de forma mais contundente: só em 2021, o Brasil registrou margem de 140 homicídios de pessoas trans e travestis (Valente, 2022).

Os números denotam o avanço desse tipo de violência em relação à última década. Por outro lado, nos últimos dez anos vimos as discussões sobre os direitos da comunidade LGBTQIAP+ avançar, de modo que se torna contraditório o fato de a sociedade discutir tal questão, e ao mesmo tempo permanecer violentando essa população.

É possível que essa violência seja inflamada pelos discursos de ódio que reverberam socialmente sobre a comunidade LGBTQIAP+, porque esses sujeitos simbolizam o diferente, especialmente no que tange às questões de compreensão de gênero apenas pela perspectiva do binarismo, ou ainda pela abjeção (KRISTEVA, 1982).

A abjeção é ambígua, pois o abjeto é parte de nosso corpo, mas quando sai de nós, não mais queremos, por exemplo, os excrementos, os excessos, ou mesmo nosso cadáver. De acordo com Kristeva (1982, p. 9) “a abjeção ao passo que libera a apreensão, não corta radicalmente fora o sujeito/assunto que o ameaça, ao contrário, a abjeção reconhece-o como em estado de constante perigo”.

A partir do conceito de corpo abjeto, Butler (2003) discute sobre a vulnerabilidade de pessoas transexuais, travestis, transgêneros e intersexos em função das normas de gênero. Assim, corpos transexuais, travestis, transgêneros e intersexos podem ser compreendidos como corpos abjetos, aqueles que a sociedade sabe que existem, mas não quer ver. Reconhecer os corpos que não respondem à heteronormatividade é considera-los corpos abjetos, e isso pode estar na base das violências que atingem tais corpos.

Associado à abjeção, o discurso de ódio e de repulsa sobre a população LGBTQIAP+ segue circulando, embasando, por exemplo, a não aceitação familiar. Frequentemente sujeitos são expulsos de suas casas e acabam por se inserirem na prostituição, que conta com cerca de 90% da população trans e travesti do Brasil, segundo a Antra (2020). O corpo trans e travesti é bastante procurado para programas, fazendo com que esses corpos possam ser vistos também como objetos sexuais.

3. Tatuagem: sentidos e ressignificações

Lina Pereira dos Santos, conhecida como Linn da Quebrada, nasceu em São Paulo no ano de 1990. Na infância, foi criada por uma tia, no interior de São Paulo. Durante o período de sua descoberta como travesti, Linn diz ter sofrido muito com o preconceito religioso, já que durante toda sua vida foi ligada à crença judaica, a qual posteriormente deixou de seguir.

Profissionalmente, Linn iniciou-se como auxiliar de cabeleireira; somente algum tempo depois, iniciou sua vida artística como *performer*². No ano de 2016, ela lançou sua primeira música, intitulada *Enviadescer* e logo após, lançou alguns singles. Sua carreira como atriz começou somente em 2019, quando Linn participou da série *Segunda chamada*, do canal Globo Play. No cinema, ela interpretou uma personagem no documentário chamado *Bixa Travesty*. Nesses trabalhos, bem como em outros, Linn atua para marcar sua representatividade a favor das minorias sociais. O mesmo ocorre em suas músicas as quais denotam diversas características da vida de sujeitos LGBTQIAP+.

Após o início de sua carreira, Linn passou a desenhar em seu corpo [tatuado], como uma forma de expressar suas vivências, por exemplo, a feminilização de seu rosto, suas próteses e a sua experiência com o câncer. Do conjunto de suas doze tatuagens localizadas no peito, pescoço, braços e rosto, escolhemos três como corpus de análise deste texto, a saber, a coroa de espinhos e o pronome ela, ambas localizadas na testa; e o

corpo travesti localizada no braço esquerdo. Nosso intuito é elucidar os sentidos produzidos e ressignificados em seu corpo, por meio dessas tatuagens.

Dito isso, a primeira tatuagem a ser observada é a do corpo travesti, mostrada na Figura 3, a seguir.

Figura 3. Silhueta.



Fonte: Twitter, 2018

Na Figura 3, observamos que o desenho da tatuagem, localizada em seu braço é formada por traços, sem preenchimento ou pinturas. Apesar de serem traços bem diferentes dos traços da mulher carajá, anteriormente mostrada, o fato de não serem preenchidas podem aproximá-las, já que em ambas os traços são pretos. Naquela, os traços são mais grossos; em Linn, mais finos.

Na tatuagem de Linn, notamos que a pessoa do desenho possui uma silhueta feminina, reconhecida na curvatura dos seios, das nádegas e nos cabelos longos. O posicionamento dessa silhueta também reforça a feminilidade, já que o desenho se encontra em uma pose feminina, tipicamente representativa do *sexy*: uma mão na cintura, a cabeça pendida para trás, o outro braço forma um ângulo reto ao encostar-se na cabeça. Nesse sentido, esse corpo desenhado pode refletir um corpo objeto, desejado e procurado para o prazer.

A cabeça levemente pendida para trás ajuda a construir um semblante que podemos considerar destemido, como se a silhueta desenhada estivesse fazendo um gesto que demonstra pouca preocupação com o que acontece ao redor. Por isso, os olhos estão cerrados. A silhueta representa um sujeito que parece estar confortável em ser o que é, em demonstrar o que é, independentemente das opiniões alheia, por isso, seu nariz está empinado.

Podemos perceber também que o cabelo longo desce até a curvatura do quadril, mesclando, assim, a silhueta feminina a uma que também é masculina. Essa silhueta

masculina é reconhecida no desenho do órgão genital, que na tatuagem, se encontra ereto, fato que além de reforçar sua presença impede que não seja percebido. Por fim, também conseguimos ver que as mãos do desenho são grandes, ou mais grossas, assim como seus pés. Podemos considerar que os pés e mãos também reforçam a mescla entre masculino e feminino, já que em ambos há detalhes que normalmente associamos ao masculino, como mãos grossas, com dedos maiores e sinais de ausência de manicure e pedicure.

A partir do conceito de intericonicidade (COURTINE, 2013), compreendemos os sinais apontados na análise da imagem como ícones, cujos sentidos estão inscritos em uma memória discursiva do que é ser mulher, ser homem, ser sexy, dentre outros. Tais ícones podem ser observados em outras materialidades, como por exemplo, em estátuas antigas de soldados gregos, nas quais podemos ver as genitálias expostas; em várias estátuas, de diferentes épocas, também podemos ver mulheres com os seios expostos. O mesmo acontece em pinturas.

Figura 4. Silhueta masculina.



Fonte: Tendências do imaginário, 2019

Figura 5. Estátuas eróticas de Moche, Peru.



Fonte: Municipalidad Distrital de Moche

Como mostrado na Figura 3, conseguimos observar silhuetas masculinas na tatuagem de Linn, essa silhueta nos remete ao órgão genital masculino, que se encontra ereto. Já na Figura 4, conseguimos ver que a estátua leva sua mão a sua genitália, que como vimos no desenho de Linn, também se encontra ereto. Na estatueta, ainda conseguimos ver alguns outros detalhes que compõe semelhanças com a tatuagem de

Linn, como por exemplo, os pés: na estátua os pés se encontram grandes e grossos, sua pose também se apresenta ereta, com seus ombros largos e levemente levantados, mostrando sua força.

A estatueta da Figura 4 reforça o conceito de masculinidade, pois seus ombros são largos, segura uma ferramenta em uma das mãos e o órgão ereto na outra. Os sentidos aqui podem ser os da virilidade masculina, a força desse sexo e até mesmo a fertilidade. Algo como para um homem “ser” homem, ele precisa ser forte, viril e estar dentro dos estereótipos que a sociedade dita. Os mesmos sentidos podem ser recuperados, ainda, nas estátuas dos povos moches, para quem as estátuas grandes, mostradas na Figura 5, conhecidas como huacos, são representações da fertilidade e da vida. Assim, pênis ereto tem sido tido como um ícone de sentido que denota masculinidade, virilidade e fertilidade.

Por outro lado, o pênis ereto na tatuagem do corpo travesti de Linn ressignifica esse ícone, à medida em que pertence a uma composição de traços que conectam masculino e feminino. Tal tatuagem é bem representativa do que a própria cantora disse enquanto participava do Big Brother Brasil (BBB), em 2022:

“Nem homem, nem mulher, eu sou travesti”, Linn da Quebrada. Big Brother Brasil, 2022.

Os ditos acima são oriundos de situações de transfobia vivenciadas durante o BBB, quando Linn, por diversas vezes, teve seus pronomes femininos trocados pelos masculinos. A partir disso, conseguimos observar que os sentidos dos desenhos do corpo travesti no corpo de Linn se encontram com os sentidos do enunciado acima, complementando-o. É uma ressignificação não apenas do ícone, mas de todo o seu ser, a partir dos sentidos que seu corpo produz.

Os dizeres de Linn ainda possibilitam-nos observar que, apesar de seu corpo possuir características femininas, mas ela não se sente dentro desse gênero, assim como não se sente no padrão ao qual foi associada em seu nascimento. Desse modo, compreendemos que seus dizeres possibilitam o sentido de que, como sujeito, ela não está ligada ao binarismo da sociedade. Esse sentido remete diretamente ao que a cantora expressou na tatuagem em análise: o corpo travesti, nem homem, nem mulher: uma pessoa com características femininas, mas com genitália masculina, para assim mostrar que está além do que lhe foi imposto em seu nascimento.

Sendo assim, a tatuagem do corpo travesti ressignifica também o próprio corpo de Linn, não ligado ao sexo masculino e ao feminino, mas um corpo travesti que afirma sua identidade ao mesmo tempo em que constrói a resistência e a luta também traz um novo significado aos gêneros. Esses sentidos se completam ainda, com outra tatuagem de Linn que não foi escolhida por nós para compor o corpus de análise, no entanto, merece que mencionemos; a tatuagem na qual está escrito *Nem*, também localizada no rosto de Linn, acima da bochecha do lado esquerdo. De acordo com a cantora, essa tatuagem significa que ela não é uma coisa, nem outra, ou seja, nem homem e nem mulher.

Ao encontro disso, vai também os dizeres encontrados em letras de canções de Linn. Muitas delas falam muito sobre pessoas LGBTQIAP+, como exemplo, no enunciado recortado de uma de suas canções, abaixo:

“Vou te contar a lenda da bixa esquisita. Não sei se você acredita ela não é feia (nem bonita)”, Linn da Quebrada, A lenda, 2017-Youtube.

Na canção em questão, Linn fala sobre uma “bixa”¹ que, na letra é mostrada como esquisita, como alguém que não é belo, mas também não é feio. Assim conseguimos novamente fazer associação com o desenho do corpo travesti, já que o termo *bixa*, ou *bicha* é utilizado como ataque a homens gays, trans, travestis, pessoas não binárias e gênero fluído, que possuem características femininas, sendo sempre associado a algo esquisito, não sendo belo por não estar no padrão de beleza da sociedade; por outro lado, também podemos fazer ligação entre a imagem de uma mulher cis que faz parte do padrão de beleza socialmente aceito e que, por isso, é associado a alguém belo.

A próxima tatuagem de Linn a ser analisada por nós é a coroa de espinhos, ou de arame farpado, conforme mostrado na Figura 6, a seguir.

Figura 6. Arame farpado.



Fonte: Instagram, 2022

Na Figura 6, conseguimos observar que a coroa de espinhos tatuada em Linn está localizada em sua testa, sendo formada por traços finos e pretos, sem preenchimentos, nem pinturas assimilando-se novamente à tatuagem da mulher carajá. Essa tatuagem

preenche parte do espaço de sua testa e figura tal qual a coroa de espinhos que na tradição cristã foi usada por Jesus. A mesma coroa também tem elementos que a assemelham ao traçado de um arame farpado.

Ao comentar sobre sua tatuagem, é justamente sobre o arame farpado que Linn parece fazer menção, à primeira vista, pois afirma que o sentido proposto pelo desenho é o fato de ele ser uma cerca, tal qual o arame farpado, e que a cerca mantém pensamentos negativos e o preconceito afastados de sua mente. No entanto, não há como não rememorarmos uma das histórias religiosas mais conhecidas em todo mundo, na qual há uma coroa de espinhos, símbolo de sofrimento, pois, a coroa de espinhos foi o primeiro sofrimento a ser infligido a Cristo. A história bíblica conta como Jesus foi crucificado e obrigado a usar uma coroa de espinhos em sua cabeça, como forma de tortura e gozação pelos soldados romanos. Nesse sentido, com a coroa tatuada na testa de Linn somos lembrados da dor de Jesus e dos ataques que sofridos pelo seu corpo, ou ainda, como foi doloroso para ele usar tal coroa, que lhe cravava espinhos na testa, conforme mostra a Figura 7, abaixo.

Figura 7. Coroa de espinhos.



Fonte: Pinterest, 2022

Ao rememorarmos os sentidos da coroa de Cristo, conseguimos atribuir sentidos similares, mas ressignificados, para a tatuagem de Linn da Quebrada: uma travesti que é crucificada todos os dias por ser travesti. Assim, a coroa de Linn pode ser também símbolo da resistência de seu corpo, já que o desenho exposto em seu rosto é a personificação da dor que carrega. Assim como os soldados romanos caçoaram de Cristo ao crucificá-lo, a coroa de Linn também simboliza as gozações e violências que ela, como pessoa trans e travesti todas as demais sofrem em seus corpos, devido à quebra de padrão social que recai sobre os corpos. Apenas para lembrarmos, já dissemos aqui que o Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans e travestis, então, Linn pode

ter utilizado a coroa de espinhos, ou de arame farpado, cuja farpas machucam tanto quanto os espinhos, como símbolo da resistência do (s) corpo (s) trans e travesti.

Dialogando com o sentido do sofrimento expresso na coroa que Linn traz na testa, apresentamos enunciados recortados de um de suas canções.

“Eu fui expulsa da igreja [ela foi desassociada] Porque "uma maçã podre deixa as outras contaminada"–Linn da Quebrada, A lenda, 2017-Youtube

Na letra em questão, Linn apresenta uma das adversidades mais comuns na vida de pessoas LGBTQIAP+, isto é, a não aceitação pela maioria das religiões. Os dizeres da letra reforçam os sentimentos de negação, exclusão, medo e erro. Assim, podemos considerar que a tatuagem da coroa seja usada para mostrar a diferença entre uma coroa e outra, porque uma foi utilizada como forma de amor, para que Deus limpasse os pecados do mundo, enquanto a de Linn, as pessoas estejam colocando uma coroa em sua cabeça como forma de pecado ou impureza, por ser uma pessoa trans e travesti.

A terceira tatuagem que compõe o nosso corpus é a do escrito do pronome feminino *ela*. Essa tatuagem também está localizada em sua testa e, segundo a cantora, foi feita para que a mãe de Linn parasse de confundir os pronomes com os quais deveria tratar a filha, a partir de sua transição. Abaixo, a Figura 8 mostra-nos a tatuagem.

Figura 8. Pronome feminino.



Fonte: UOL, 2022

A Figura 8 demonstra a tatuagem que está localizada logo acima da sobrancelha esquerda de Linn. Assim como as demais, ela é composta por linhas finas, não possui preenchimentos e sua tinta é na cor preta. Essa se diferencia das outras porque traz uma palavra, não um desenho: o pronome feminino singular, *ela*.

De início, a tatuagem na testa dialoga com uma expressão socialmente instituída que é a “escrever na testa”, usualmente dita quando o interlocutor demonstra que não compreendeu o que foi dito, ou que não quer acatar o que foi dito, conforme vemos em uma estrofe de música do cantor Gustavo Mioto, abaixo transcrita.

Você pensa que ainda manda em mim
Querendo satisfação depois do fim
Deixou a porta do meu coração aberta

Pensou que ninguém mais ia passar por ela
 Será que eu vou ter que **escrever**
 "Não te quero" **na testa?** (MIOTO, 2021, grifo nosso.)

Pelo sentido da expressão e, conforme demonstrado na estrofe de Miotto, a expressão escrever na testa é uma afronta que se faz ao interlocutor. Ao conhecermos o contexto que levou Linn a fazer a tatuagem mostrada na figura 8, entendemos que ela escreveu na testa algo que já havia cansado de dizer: a tatuagem surgiu quando Linn estava no começo de sua transição; ela diz que sua mãe errava muito e utilizava os pronomes masculinos, mas para que isso não ocorresse mais, Linn desenhou o pronome feminino em sua testa, para que não somente a mãe, mas todos soubessem como ela gostaria de ser tratada. Ou seja, Linn literalmente escreveu na testa qual é o seu pronome correto, afrontando assim o interlocutor que insistia em tratá-la por “ele”.

Essa tatuagem, apesar de ser uma palavra, nos remete aos símbolos femininos, podendo ser compreendida a partir de sua intericonicidade com outras imagens que compõem nossa memória discursiva acerca do uso do pronome feminino, por exemplo, ao uso do pronome para identificação de espaços destinados exclusivamente às mulheres, como banheiros que costumam trazer plaquinhas com um desenho e o pronome escrito, embaixo ou acima dele, tal qual vemos na Figura 9 em banheiros.

Figura 9. Pronome feminino em banheiros.



Fonte: Elo7, 2023

Como o pronome feminino ela está socialmente associada ao feminino e aos espaços ocupados por mulheres, o uso desse pronome em uma tatuagem de Linn, mulher travesti, ressignifica o pronome, passando a associá-lo também ao corpo da mulher trans, ou travesti.

Se antes, as tatuagens eram menos comuns no rosto, mais recentemente percebemos que muitas personalidades optam por tatuar também a face. Assim, por essa localização, as tatuagens faciais de Linn da Quebrada dialogam também com outras que

se tornaram bastante conhecidas, dentre as quais, a do lutador Myke Tyson e as do comediante Whinderson Nunes, que mostramos a seguir, nas Figuras 10 e 11, respectivamente.

Figura 10. Tatuagem facial de Mike Tyson.



Fonte: Marketing Registrado, 2016

Figura 11. Tatuagens faciais de Whinderson Nunes.



Fonte: Uol, 2022

A tatuagem de Myke Tyson é um tribal, que contorna a lateral do olho. Assim como as tatuagens de Linn aqui analisadas, não é colorida, mas diferentemente daquelas, a de Tyson possui um traço grosso e foi feita em 2003. As informações sobre a tatuagem e os motivos pelos quais foi feita é bastante controversa. Há veículos de comunicação que afirmam que a tatuagem foi feita para que o lutador ganhasse mais tempo para se preparar para uma luta contra um de seus maiores adversários. Há também aqueles³ que afirmam que a marca ficou considerada como sendo um sinal na pele de um guerreiro.

Já Whinderson Nunes possui diversas tatuagens no rosto. Uma delas nos chama atenção por estar praticamente no mesmo local que a *ela* de Linn, acima da sobrancelha esquerda. Além dessa, há outras tatuagens abaixo dos olhos do comediante, dentre as quais, a frase *Live Like a Warrior*, cuja tradução é *viva como um guerreiro*. De acordo com o Mourão (2022), a frase foi tatuada em 2021, quando Whinderson perdeu o filho. Esses dizeres conversam com o emoji triste e a lágrima que também estão tatuadas no rosto. Compreendemos que o conjunto das tatuagens faciais de Whinderson produz o sentido da perda, fato marcante em sua vida.

Desse modo, nas tatuagens faciais de Linn, nas de Mike Tyson e nas de Whinderson Nunes há indícios de lutas e de sofrimentos que se ressignificam, a saber, para Tyson a luta para a qual não se sentia preparado, apesar de já ter sido vitorioso diversas outras vezes; para Whinderson, a luta travada contra a tristeza pela morte de um filho e em Linn, a luta para ser o que se é.

Observando essas imagens, também conseguimos associá-las ao que os portugueses faziam aos seus escravos, utilizando-se de marcas para denominar sua posse. Entre as tatuagens feitas por um senhor e as tatuagens feitas por Linn em si mesma, há discursos que se repetem, por exemplo, evidenciar a posse no caso dos escravizados; há sentidos que se ressignificam, por exemplo, marcar o próprio rosto é mostrar quem Linn realmente é.

Considerações Finais

Neste texto, buscamos evidenciar os sentidos produzidos por três das tatuagens de Linn Quebrada, sendo, a silhueta travesti, a coroa de espinhos e o pronome ela, utilizando para isso o aparato conceitual e metodológico da Análise de Discurso Francesa, amparando-nos sobretudo nos conceitos foucaultianos de discurso e enunciado e no conceito de intericonicidade de Courtine.

Nas três imagens de análise do nosso corpus, vemos que os desenhos no corpo de Linn carregam sentidos antigos, como a da coroa de espinhos, que possui um sentido de dor, gozação e violência, possui também a binaridade dos gêneros.

Entretanto, podemos observar que as tatuagens colaboram para que o corpo de Linn produza novos sentidos, já que suas tatuagens ressignificam os sentidos históricos que carrega. Como vimos na Figura 3, denota-se que Linn não pertence ao gênero ao qual foi atribuída no nascimento, sendo assim, não ressignificando somente os ícones masculinos e femininos, mas sim seu corpo e todo o seu ser.

Devido aos estudos que essa pesquisa proporcionou, conseguimos ver como as tatuagens foram transformadas em algo pejorativo, possivelmente após a invenção da tatuagem elétrica, mas através das tatuagens de Linn, Whindersson Nunes e Mike Tyson, conseguimos ver que esses desenhos são algo a mais que apenas uma forma de marginalização, são sentidos que eles ressignificaram em seus corpos, para mostrar suas lutas e resistências, com isso, acabam produzindo sentidos, e se tornam uma forma de discurso.

Contudo, podemos ver que discursos não são os únicos produtores de sentidos, uma imagem, gesto, expressão artística também conseguem fazer tal ato, além disso consegue ressignificar aquilo que já foi dito, visto ou escrito. Dessa forma podemos ver como as tatuagens de Linn daQuebrada, inscritas num corpo que pode ser considerado pelo viés da abjeção por muitos, constroem sentidos outros, especialmente os da resistência.

Referências

BARREIROS, I. Por que Linn da Quebrada tem “Ela” tatuado no rosto? Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/por-que-linn-da-quebrada-tem-ela-tatuado-rosto.phtml>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

BERGER, Mirela. O significado da tatuagem ao redor do mundo e ao longo do tempo. In REVISTA SUPER INTERESSANTE. Assunto principal: tatuagem. 159. ed. Dezembro/2002, p 66-69.

Brasil registrou 140 assassinatos de pessoas trans em 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-01/brasil-registrou-140-assassinatos-de-pessoas-trans-em-2021>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002. (Original publicado em 1993)

COURTINE, J-J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

DA QUEBRADA, L. Linn da Quebrada - A Lenda (Áudio-Vídeo Oficial). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k4DpkHftQJg>>. Acesso em: 1 jul. 2022.

DE MATTOS, M. Whindersson Nunes faz novas tatuagens no rosto: “Não me matem”. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/07/26/whindersson-nunes-faz-novas-tatuagens-no-rosto-nao-me-matem.htm>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1969].

HORNET NETWORKS. Gods, dildos & penis pottery: A visual history of phallic sculptures throughout history. Disponível em: <<https://hornet.com/stories/penis-sculpture-history-phallus-art/>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

JEHA.S **Uma História Da Tatuagem No Brasil**. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror**: an essay on abjection. New York: Columbia UP, 1982.

LIMA, Rodrigo Muniz de Souza. Tatuagem: história e contemporaneidade. 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Desenho) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020.

LINA PEREIRA DOS SANTOS. Divulgação da marca de roupa da @bow_oficial. 26 de junho de 2022. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CfSNQu4FS8B/?igshid=NjIwNzIyMDk2Mg==>. Acesso em 22 dez. 2022.

LINA PEREIRA DOS SANTOS. Revelação de mais uma tatuagem. 12 de abr. de 2018. Twitter: @linndaquebrada disponível em https://twitter.com/linndaquebrada/status/984284622342250496?t=58fDDHlz6_EC4XR08hI Vhw&s=19. Acesso em 22 dez. de 2022.

LISE, M.L.Z. et al. (2013). Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics, 2(3), 294–316. [https://doi.org/10.17063/bjfs2\(3\)y2013294](https://doi.org/10.17063/bjfs2(3)y2013294).

MARCELINO, Fernando César. A mensagem por trás da imagem: estudo de tatuagens à luz da análise do discurso. 2008. 380 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

MARKETING REGISTRADO. Mike Tyson quiere patentar el tatuaje tribal de su cara. Disponível em: <<https://www.marketingregistrado.com/boxeo/2016/mike-tyson-patentar-tatuaje-tribal-cara-11574/>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

Placa Banheiro Ele Ela Madeira e Acrílico. Disponível em: <<https://www.elo7.com.br/placa-banheiro-ele-ela-madeira-e-acrilico/dp/711BD8>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Karajá - Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

LOPES, M. A. P. **A silhueta feminina entre pesos e medidas**. Araraquara: Letraria, 2018.

REVEL, Judith. **Foucault Conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani. Editora Claraluz, 2005.

SILVA, Gabriela Farias da. Primitivismo contemporâneo: o corpo como objeto da arte. 2007. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/index.php/revislav/article/download/2183/1335>. Acesso em: 10 de mai. de 2016.

VALENTE, Jonas. Brasil registrou 140 assassinatos de pessoas trans em 2021. Agência Brasil [on-line], Brasília, 29 jan. 2022. Direitos humanos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-01/brasil-registrou-140-assassinatos-de-pessoas-trans-em-2021>. Acesso em: 22 de abr. de 2023.

